

Mical Cipriano Felipe

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA
ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos

2019

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA
DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Medicina Veterinária. Orientador: Prof^a Dr^a Vanessa Sasso Padilha.

Curitiba

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Felipe, Mical Cipriano

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS / Mical Cipriano Felipe ; orientador, Vanessa Sasso Padilha, 2019. 48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária, Curitibanos, 2019.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Relatório de estágio supervisionado. 3. Casuística. 4. Procedimentos. I. Padilha, Vanessa Sasso . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Mical Cipriano Felipe

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA
DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Este relatório foi apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Médico Veterinário e julgado aprovado em defesa pública realizada em 09/07/2019.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Vanessa Sasso Padilha – Orientadora
CCR/UFSC

Prof. Dr. Rogério Luizari Guedes
CCR/ UFSC

Prof.^a Dr.^a Ronise Tochetto
CCR/ UNOESC

Curitibanos

2019

Dedico este trabalho à minha excelentíssima Mãe, que nunca mediu esforços para realização de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me ajudado até aqui.

Agradeço em especial à minha mãe Adelair Dilma Cipriano Felipe que nunca mediu esforços para me ajudar, por ser quem é, guerreira, fonte inesgotável de força e inspiração. Ao meu pai Braz Fernandes Felipe (*in memoriam*) pelo apoio, carinho e admiração. Palavras não serão suficientes para descrever meu eterno agradecimentos a vocês.

Aos meus amigos e familiares que sempre me apoiaram. Agradeço também aos meus colegas de universidade que se tornaram meus amigos mais verdadeiros, vocês são incríveis.

Agradeço aos meus professores da Universidade Federal de Santa Catarina por serem profissionais e pessoas incríveis, minha eterna admiração e gratidão pelos ensinamentos. Em especial a minha orientadora Vanessa Sasso Padilha pela competência e exemplo de profissional.

Agradeço em especial as minhas supervisoras de estágio obrigatório Alessandra Melchert da Unesp de Botucatu e Priscilla Domingues Mörschbacher da Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade de fazer parte da equipe de estagiários. A todos os médicos-veterinários residentes, funcionários, e colegas de estágio que tive a oportunidade de conhecer e com eles aprimorar meu conhecimento, especialmente para aqueles que mesmo em meio ao caos do dia-a-dia conseguiam oferecer o melhor de si em prol dos animais. Serei eternamente grata por vocês terem proporcionado 4 meses maravilhosos de estágio e vivência incrível.

Agradeço também a todos animais que tive a oportunidade de conhecer e com eles aprender, minha eterna admiração e respeito. Em especial ao meu filho primogênito felino Mimo por sua personalidade forte e amor sincero, por ter despertado em mim o amor pela profissão da Medicina Veterinária. Um agradecimento especial também ao seu irmão felino Ninja, por ser dono do “ron-ron” mais gostoso.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse concluído.

RESUMO

O estágio supervisionado torna possível aprender na prática, utilizando os conhecimentos adquiridos durante a faculdade, sendo, portanto, de grande valia para os estudantes de medicina veterinária. O estágio foi realizado em dois locais distintos. A primeira etapa do estágio foi realizada no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (UNESP), campus Botucatu, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais no período de 3 de janeiro de 2019 a 28 de fevereiro de 2019. A segunda etapa foi realizada no período de 11 de março de 2019 a 10 de maio de 2019 no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais. Contudo, o presente trabalho tem como objetivo descrever a estrutura dos hospitais, os procedimentos realizados, assim como fazer um levantamento da casuística de ambos os locais, comparando-os em diferentes aspectos.

Palavras-chave: Relatório de estágio supervisionado, Casuística, Procedimentos.

ABSTRACT

The supervised internship makes it possible to learn in practice, using the knowledge acquired during the college, and therefore being of great value to the students of the Veterinary Medicine course. The internship was performed in two different locations. The first part of the internship was performed at the Campus of Botucatu, in the area of Small Animal Clinical Medicine from January 3, 2019 to February 28, 2019. The second part was performed in the period from March 11, 2019 to May 10, 2019 at the University Veterinary Hospital of the Federal University of Santa Maria (UFSM) in Small Animal Surgical Clinic. Therefore, the present work aims to describe the structure of the hospitals, the procedures performed, as well as make a casuistry survey of both places, comparing them in several aspects.

Keywords: Report of supervised internship, casuistry, procedures.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fachada do Hospital Veterinário da UNESP – Botucatu.....	16
Figura 2. Fachada do HVU da UFSM, Santa Maria - RS.	29
Figura 3. Ambulatório didático, HVU da UFSM.....	30
Figura 4. A e B: Ambulatório da área de pequenos animais, HVU da UFSM.....	31
Figura 5. Área de transição da área suja para limpa, HVU da UFSM.	31
Figura 6. Bloco cirúrgico 2 - HVU da UFSM.....	32
Figura 7. Sala de paramentação - HVU da UFSM.....	33
Figura 8. Sala cirúrgica - HVU da UFSM.....	34
Figura 9. Sala de recuperação anestésica - HVU da UFSM.....	35
Figura 10. Área com computadores e impressora – HVU da UFSM.....	35
Figura 11. Sala de preparo do bloco cirúrgico 2 - HVU da USFM.....	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de pacientes acompanhados, separados por espécie e sexo no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.....	19
Gráfico 2. Animais acompanhados separados por sistema ou enfermidades, no HV da UNESP de Botucatu-SP.....	28
Gráfico 3. Número de pacientes acompanhados separados por espécie e sexo no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	37
Gráfico 4. Animais acompanhados separados por sistema ou localização do procedimento cirúrgico, HVU da UFSM.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Pacientes acompanhados conforme a faixa etária, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.....	20
Tabela 2. Número de pacientes acompanhados separados por raça, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	20
Tabela 3. Número de casos acompanhados referentes ao sistema cardiovascular, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	21
Tabela 4. Número de casos acompanhados referentes ao sistema respiratório, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	22
Tabela 5. Número de casos acompanhados referentes ao sistema digestório, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	22
Tabela 6. Número de casos acompanhados referentes a enfermidades hepatobiliares, pancreáticas, e distúrbio endócrino no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	23
Tabela 7. Número de casos acompanhados referentes ao sistema urinário, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	24
Tabela 8. Número de casos acompanhados referentes ao sistema reprodutor, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	25
Tabela 9. Número de casos acompanhados referentes a distúrbios neuromusculares, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	25
Tabela 10. Número de casos acompanhados oncológicos, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.....	26
Tabela 11. Número de casos acompanhados referentes a doenças infecciosas, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.	26

Tabela 12. Número de casos acompanhados referentes a doenças do sistema tegumentar, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.....	27
Tabela 13. Pacientes acompanhados conforme a faixa etária, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	37
Tabela 14. Número de pacientes acompanhados separados por raça, Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	38
Tabela 15. Número de casos acompanhados referentes ao sistema respiratório no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	39
Tabela 16. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema digestório, Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	39
Tabela 17. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema hepático, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	40
Tabela 18. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema urinário, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	40
Tabela 19. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema reprodutor, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	41
Tabela 20. Número de procedimentos acompanhados referentes ao sistema tegumentar, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	42
Tabela 21. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema oftálmico, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	43
Tabela 22. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema musculoesquelético, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAAF - Citologia aspirativa por agulha fina
- CFV – Calicivírus felino
- CIF – Cistite idiopática felina
- CMPA – Clínica médica de pequenos animais
- DAD – Doença articular degenerativa
- DRC – Doença renal crônica
- DTUIF – Doença do trato urinário inferior
- ECC – escore de condição corporal
- FC – Frequência cardíaca
- FeHV-1 – Herpesvírus felino
- FR – Frequência respiratória
- HV – Hospital veterinário
- HVU – Hospital veterinário universitário
- ICC – Insuficiência cardíaca congestiva
- IRA – Injúria renal aguda
- MPA – Medicação pré-anestésica
- MPM – Movimentos por minuto
- OSH – Ovário-histerectomia
- SRD – Sem raça definida
- PIF – Peritonite infecciosa felina
- TBM - Traqueobroncomalácia
- TPC – Tempo de preenchimento capilar
- UFMS – Universidade Federal de Santa Maria
- UNESP – Universidade estadual paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- UIPA – Unidade de internação de pequenos animais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 OBJETIVOS	15
2. HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO UNESP – BOTUCATU SP	16
2.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	17
2.2 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO	19
3. HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS	29
3.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	36
3.2 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado possibilita que o discente aprenda na prática os conhecimentos adquiridos no decorrer da formação. É durante o estágio curricular que o acadêmico consegue vivenciar de forma mais efetiva a rotina veterinária. A rotina de trabalho auxilia no desenvolvimento do raciocínio clínico, ajuda no aprimoramento de técnicas simples de trabalho, proporciona diversas experiências e permite que o acadêmico conheça a casuística da área escolhida.

Neste contexto, é importante destacar que esse estágio ocorre na última fase do curso de graduação em medicina veterinária (10º semestre), onde todas as disciplinas consideradas obrigatórias já foram cursadas. Nesse período, o discente escolhe áreas de maior interesse para realizar o estágio obrigatório, o qual consiste em 450 horas. As áreas escolhidas para realização do estágio curricular foram clínicas médica e cirúrgica de pequenos animais, por se tratarem de áreas extremamente complementares para o profissional que pretende seguir carreira na clínica médica de pequenos animais.

Este relatório faz referência as atividades realizadas em dois locais diferentes, o primeiro local escolhido foi o Hospital Veterinário da FMVZ- UNESP, campus de Botucatu - SP, na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, no período de 3 de janeiro a 28 de fevereiro de 2019, sob supervisão da professora Dra. Médica Veterinária Alessandra Melchert, totalizando 328 horas. Enquanto a segunda etapa, foi realizada no Hospital Veterinário Universitário (HVU) da Universidade Federal de Santa Maria – RS, na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 11 de março a 10 de maio de 2019, sob supervisão da Médica Veterinária Dra. Priscilla Domingues Mörschbacher, totalizando 344 horas obrigatórias.

Na medicina veterinária, ambos os locais são de referências no Brasil, tanto pela infraestrutura quanto pela qualificação de seus profissionais. Devido a possuir vínculo com suas respectivas universidades conseguem oferecer serviço de qualidade e com valores mais acessíveis a comunidade.

1.1 OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo descrever a estrutura dos hospitais, os procedimentos realizados, assim como fazer um levantamento da casuística de ambos os locais, comparando-os em diferentes aspectos.

2. HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO UNESP – BOTUCATU SP

A primeira etapa do estágio supervisionado foi realizada no Hospital Veterinário (HV) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da UNESP campus Botucatu – departamento de Clínica Médica de Pequenos Animais (Figura 1), localizado no Distrito de Rubião Júnior, cidade de Botucatu – SP, Rua Prof. Doutor Walter Mauricio Correa s/n. O horário de funcionamento é das 8h às 11:30h e das 13:30h às 16h de segunda a sexta-feira para casos novos. No entanto, animais em situações emergenciais são atendidos até as 18h. Aos finais de semana e feriados há plantões com atendimento apenas de casos emergenciais, com funcionamento das 8h às 19h. O hospital não disponibiliza serviço de internação.

Figura 1. Fachada do Hospital Veterinário da UNESP – Botucatu.



Fonte: Domínio público. Botucatu (2019).

O HV presta serviços à comunidade desde 1978, buscando promover a integração do ensino com pesquisa e extensão. Possui programas de aprimoramento profissional e de residência médico veterinária. Este hospital é um dos poucos que disponibiliza serviço de assistência social, e devido a isso e também a excelência em atendimentos, procedimentos e estrutura, recebe muitos pacientes. São atendimentos em média 70 animais por dia na área de clínica médica de pequenos animais (CMPA).

A CMPA é composta por 4 professores e por 12 residentes. O atendimento é dividido em triagem, atendimento ambulatorial e atendimento emergencial. Dentro da clínica médica existem as seguintes divisões: Apoio Oncológico, Cardiologia Veterinária, Clínica Médica de Pequenos Animais, Dermatologia Veterinária, Neurologia Veterinária, Nefrologia e Urologia Veterinária. Os estagiários fazem rodízio diário entre os diferentes setores citados anteriormente, sempre acompanhando um residente diferente. Nos meses em que são aceitos

estagiários designados para áreas específicas como cardiologia e neurologia veterinária, os demais estagiários de clínica médica geral de pequenos animais não acompanham essas áreas.

A área da clínica médica de pequenos animais da Unesp de Botucatu é composta por uma sala de recepção grande que dispõem de bancos para os tutores esperarem, além disso também tem outros bancos nos corredores para facilitar a acomodação de todos. A sala de triagem é grande, arejada, dispõem de mesa de alumínio, cadeiras, mesa com computador, e uma bancada com torneira, além de outros itens indispensáveis numa sala de atendimento veterinário, como álcool, esparadrapo e algodão.

Existem 3 ambulatórios disponíveis para uso da clínica médica de pequenos geral. E um ambulatório para cada atendimento específico (dermatologia, cardiologia, neurologia, nefrologia e urologia veterinária e um ambulatório especialmente para felinos). Além dos ambulatórios existe a sala de emergência e a sala de fluidoterapia. Dispõem também de cozinha e farmácia. A sala de emergência é grande e composta por 5 mesas de alumínio e uma mesa mais baixa de madeira (própria para reanimações de paradas cérebro cardiopulmonares), além disto é composta pela mesma bancada com pia e itens essenciais descritos anteriormente. A sala de fluidoterapia é uma sala um pouco menor que a de emergência e dispõem de bancadas revestidas de piso com estofados que possibilitam limpeza posterior, nesta sala cabem aproximadamente 12 animais.

Ao entrar no HV os tutores são recepcionados conforme a ordem de chegada através de senhas. Nesse primeiro momento é feito o registro do paciente junto dos dados do tutor. Cada paciente cadastrado é identificado através do Registro Geral (RG) composto por seis números, assim uma vez que o paciente recebe tal identificação é possível acessar pelo sistema de software próprio da Unesp e verificar o histórico do animal.

Após abrir o cadastro para atendimento na recepção, o atendimento inicia-se pela triagem, onde os pacientes são encaminhados para os setores de: Clínica Médica de Pequenos Animais e suas divisões por especialidades, Acupuntura, Clínica Cirúrgica e Anestesiologia de Pequenos Animais, Centro de Diálise em Pequenos Animais, Diagnóstico de moléstias infecciosas, Oftalmologia, Diagnóstico por imagem (radiologia, ultrassonografia, ressonância magnética e tomografia computadorizada) ou Reprodução Animal.

2.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estagiário é responsável por acompanhar os residentes nas diferentes áreas da clínica médica de pequenos animais conforme o rodízio pré-estabelecido no início da semana,

objetivando-se o acompanhamento clínico dos pacientes durante todo o dia. Os animais são atendidos por ordem de chegada, salvo algumas exceções os quais são casos de emergência.

Na triagem o estagiário junto do residente, é responsável por apresentar-se ao tutor e logo após, realizar uma rápida anamnese, fazendo perguntas com relação a alimentação, ingestão de água, fezes e urina, presença de vômito e/ou diarreia, estado de imunização, estado reprodutivo, acesso à rua, presença de contactantes e estado de saúde destes. Posteriormente realiza-se um exame físico simples avaliando: temperatura, frequência cardíaca, frequência respiratória, mucosas e linfonodos. Através das informações obtidas, lista-se possíveis diagnósticos e, por conseguinte, o paciente é direcionado a algum Serviço dentro da Clínica Médica de Pequenos Animais (Apoio Oncológico, Cardiologia Veterinária, Dermatologia Veterinária, Neurologia Veterinária, Nefrologia e Urologia Veterinária). Ou ainda, os pacientes podem ser encaminhados a outros setores: Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, Reprodução Animal e Moléstias Infecciosas. As informações obtidas do paciente são armazenadas num software próprio do Hospital Veterinário da UNESP, facilitando a disponibilidade de informações entre outros setores. O horário da triagem é das 8:00h até às 11:30h e das 13:30 às 17:30h.

Nos ambulatórios é de responsabilidade do estagiário realizar a anamnese completa, exame físico minucioso e preencher a suspeita de possíveis diagnósticos. Posteriormente, o estagiário entra em contato com o residente responsável pelo caso e fazem uma breve discussão sobre o caso. Após o residente avaliar o paciente e conversar com o tutor, é coletado materiais biológicos para exames. Com autorização do residente o discente pode coletar diversos materiais biológicos, e acompanhar exames complementares quando necessário, como ultrassonografia e radiografia, entre outros.

Na emergência, primeiramente o estagiário ajuda o residente a estabilizar o paciente. Após a estabilização, realiza-se anamnese específicas quando possível. É de responsabilidade do estagiário aferir os parâmetros cardiorrespiratórios de todos os animais a cada 1 hora pelo menos, salvo as exceções que precisam de monitoração constante. Quando acontece parada cérebro-cardiopulmonar uma campanha é acionada e imediatamente os residentes vem para começar a reanimação. O estagiário é responsável por ajudar quem estiver precisando no momento, e quando autorizado auxiliar nestas manobras também.

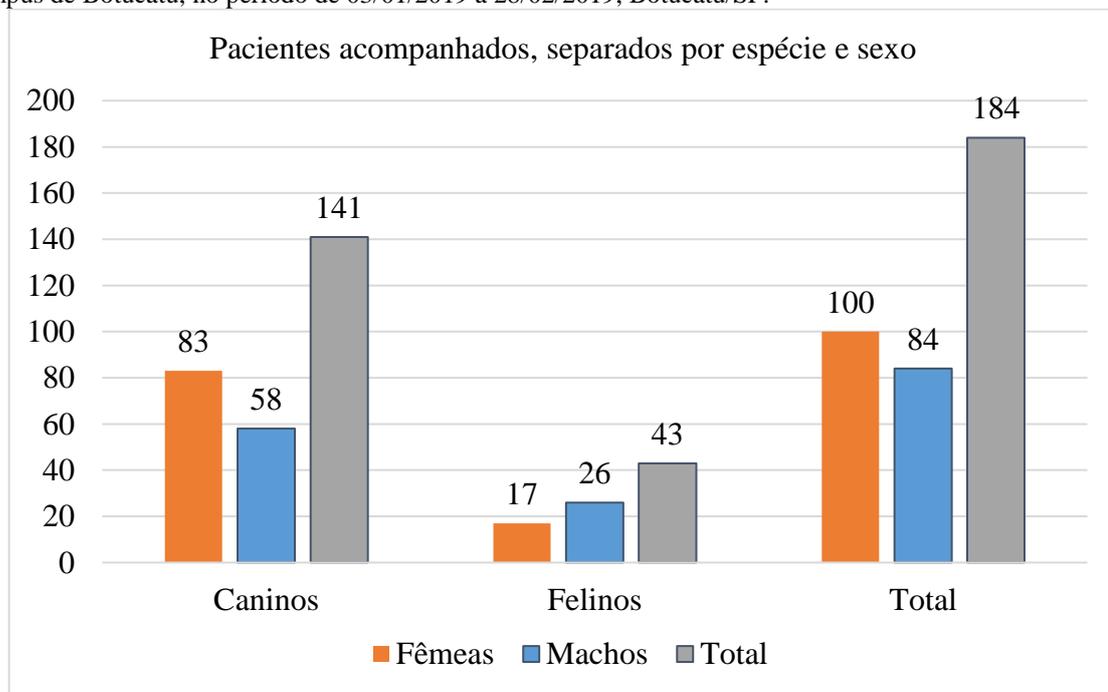
Compete também ao estagiário, auxiliar no pedido de exames pelo sistema, levar as amostras aos respectivos laboratórios, centrifugar amostras bioquímicas, acompanhar um paciente crítico quando o mesmo precisa ser levado a outro departamento, realizar a contenção

de pacientes, aplicar medicamentos, realizar tricotomia e antissepsia, realizar fluidoterapia, aferir glicemia, e auxiliar nos receituários. Além disso, é de responsabilidade do estagiário limpar as mesas logo após o uso, descartar corretamente os materiais e deixar a sala adequada para o próximo uso. Contudo faz-se necessário bom atendimento, postura adequada, ser prestativo e jamais fazer algo sem a autorização dos residentes e professores.

2.2 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

Na clínica médica de pequenos animais são atendidos muitos animais diariamente. Apesar de não ter internação nesta área, pacientes que precisam de internação, ficam em observação para estabilização na sala de fluidoterapia ou na emergência quando o caso se enquadra. Os casos acompanhados na CMPA foram incluídos no gráfico 1.

Gráfico 1. Número de pacientes acompanhados, separados por espécie e sexo no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

É importante ressaltar que o número de casos aqui incluídos na casuística foram animais acompanhados no rodízio pelas áreas da clínica médica de pequenos animais, excluindo-se os animais que passavam apenas pela triagem. No entanto, é importante destacar que aproximadamente 40% dos animais atendidos na triagem foram encaminhados ao setor de moléstias infecciosas.

Tabela 1. Pacientes acompanhados conforme a faixa etária, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Faixa Etária	Caninos	Percentual	Felinos	Percentual
< 6 meses	6	4%	4	9%
> 6 m -1 ano	6	4%	2	5%
1 - 3 anos	9	6%	11	26%
3 - 8 anos	50	35%	15	35%
8 - 15 anos	61	43%	7	16%
> 15 anos	9	6%	4	9%
Total	141	100%	43	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Em relação a faixa etária a maioria dos animais tinham mais de 3 anos de idade, prevalecendo animais mais velhos entre a população de cães quando comparado a gatos, conforme mostra a Tabela 1. Entre a população de animais jovens (com menos de 1 de idade) a porcentagem foi maior em felinos. Os animais sem raça definida (SRD) foram os mais prevalentes entre caninos e felinos (Tabela 2).

Tabela 2. Número de pacientes acompanhados separados por raça, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Raças	Caninos	Felinos	Percentual
Blue Heeler	1	-	0,54%
Boxer	5	-	2,72%
Bulldogue Francês	2	-	1,09%
Dálmata	2	-	1,09%
Dachshund	2	-	1,09%
Fox Paulistinha	2	-	1,09%
Golden Retriever	4	-	2,17%
Husky Siberiano	1	-	0,54%
Labrador	4	-	2,17%
Lhasa Apso	8	-	4,35%
Maine Coon	-	1	0,54%
Pastor Alemão	2	-	1,09%
Pastor Suíço	1	-	0,54%
Pinscher	9	-	4,90%
Pitbull	4	-	2,17%
Poodle	9	-	4,90%
Rotweiller	3	-	1,63%
Schnauzer	1	-	0,54%
Sem Raça Definida	66	38	56,52%
Shih Tzu	8	-	4,35%
Siamês	-	4	2,17%
Spitz Alemão	1	-	0,54%
Weimaraner	1	-	0,54%
Yorkshire	5	-	2,72%
Total	141	43	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Tabela 3. Número de casos acompanhados referentes ao sistema cardiovascular, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Arritmia a esclarecer	1	-	17%
Dirofilariose	1	-	17%
Endocardiose	2	-	33%
ICC	1	-	17%
Valvulopatia congênita a esclarecer	1	-	17%
Total	6	-	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Nota¹: Insuficiência cardíaca congestiva.

É importante destacar que a proporção dos casos referentes ao sistema cardiovascular não reflete a realidade da casuística do HV da UNESP campus de Botucatu, pois esta área tem estagiários específicos. Sendo assim, esses animais acompanhados foram na emergência ou devido a outras doenças concomitantes.

Os sinais de doença cardíaca incluem sopros cardíacos, arritmias e hipertrofia do coração. Síncope, tosse, dispneia, intolerância ao exercício, distensão abdominal, cianose entre outros, também podem estar presentes oriundos da cardiopatia (NELSON; COUTO, 2015). O sopro cardíaco foi o principal sinal clínico relacionado as doenças cardiovasculares nos animais acompanhados (Tabela 3). O paciente que apresentava arritmias tinha como principais diagnósticos diferenciais presuntivos doença arritmogênica do boxer e cardiomiopatia dilatada, no entanto, não foi possível chegar a um diagnóstico definitivo durante o período de estágio.

A endocardiose também é conhecida como doença valvar degenerativa, degeneração valvular mucoide ou mixomatosa, fibrose valvular crônica, e outras denominações. A doença degenerativa crônica da válvula atrioventricular é a causa mais comum de insuficiência cardíaca nos cães principalmente entre raças pequenas, já em gatos é considerada rara. Alguns autores sugerem que esta doença cause mais de 70% das doenças cardiovasculares nos caninos. O exame de diagnóstico considerado padrão ouro é a ecocardiografia, o tratamento vai depender do estágio da doença (NELSON; COUTO, 2015).

Existem diversas formas para classificar a doença valvar atrioventricular, a mais utilizada é a da “ACVIM”, *American College of Veterinary Internal Medicine*: estágios A (cães hígidos de raças com maior predisposição para desenvolver a doença), B1 (cães com lesão valvar mitral assintomáticos, ausência de dilatação de câmaras cardíacas), B2 (cães com lesão valvar mitral assintomáticos, presença de dilatação de câmaras cardíacas), C (animais com sinais clínicos de insuficiência cardíaca congestiva (ICC) e D (refratários ao tratamento convencional) (SANTOS, 2017).

Tabela 4. Número de casos acompanhados referentes ao sistema respiratório, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Broncopneumonia	3	-	27%
Bronquite/ Sinusite Crônica	1	-	9%
Colapso de Traqueia	3	-	27%
Complexo Respiratório Felino	-	2	18%
Edema Pulmonar	1	-	9%
Pneumonia por aspiração	1	-	9%
Total	9	2	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Os animais foram diagnosticados a partir do histórico, exame físico e radiografia do tórax. A maioria dos cães acompanhados (Tabela 4) com broncopneumonia apresentavam aumento de ruídos respiratórios e dispnéia concomitantes, e respondiam bem ao tratamento com antibióticos. A pneumonia bacteriana é uma doença pulmonar comum, particularmente em cães. A pneumonia infecciosa adquirida em locais de concentração de cães tem sido descrita também. Ainda existem aquelas causadas por fatores predisponentes (NELSON, COUTO; 2015).

O colapso de traqueia ou traqueobroncomalacia (TBM) foi a doença mais diagnosticada, todos os casos entre os cães, sendo o sinal clínico mais comum tosse seca não produtiva e dispnéia em casos mais crônicos conforme citado na literatura. Segundo Nelson e Couto (2015), a hipótese de que a TBM possa ter base congênita nos cães é explicada pela alta prevalência em cães de raças pequenas.

Entre os felinos, a doença mais prevalente foi o complexo respiratório, diagnosticado em gatos jovens e que viviam em locais com alta densidade populacional, conforme cita a literatura. Estudos epidemiológicos mostram associados ao complexo respiratório felino 4 agentes: herpesvírus felino tipo 1 (FeHV-1), o calicivírus felino (CVF), a *Chlamydomphila felis* e a *Bordetella bronchiseptica* (VALLARA, 2012).

Tabela 5. Número de casos acompanhados referentes ao sistema digestório, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Doença Intestinal Inflamatória	-	1	5%
Fecaloma	-	1	5%
Gastroenterite	8	-	42%
Giardíase	2	-	11%
Megaesôfago	2	-	11%
Obstrução por Corpo Estranho – ID ¹	1	1	11%
Tríade Felina	-	1	5%
Verminose	2	-	11%
Total	15	4	100%

Elaborada pelo autor (2019).

Nota¹: Intestino delgado.

A gastroenterite mostrou-se frequente entre as doenças do sistema digestório. Nos animais incluídos na Tabela 5 a maioria estava associada a ingestão alimentar inadequada, seguindo de agentes infecciosos, ou doentes renais. Nos animais com giardíase a enterite foi mais frequente, devido a isso foi separado na tabela.

A suspeita de corpo estranho se deu a partir da anamnese, ambos animais eram jovens e tinham históricos de parorexia. O diagnóstico foi obtido a partir da radiografia. Já o megaesôfago foi detectado em 1 animal com miastenia gravis e o outro estava sob investigação.

Tabela 6. Número de casos acompanhados referentes a enfermidades hepatobiliares, pancreáticas, e distúrbio endócrino no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Diabete <i>Mellitus</i>	2	-	13%
Hepatopatia	1	-	6%
Lipidose hepática	-	5	31%
Pancreatite	8	-	50%
Total	11	5	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Além das enfermidades expostas na Tabela 6, foram acompanhados também pacientes com desordens metabólicas. Dos animais mencionados na tabela anterior com diabete *mellitus*, dois estavam em cetoacidose diabética e 4 pacientes do total de casos acompanhados, obesos.

A hepatopatia estava sendo investigada em relação as possíveis causas e o tratamento de suporte estava sendo realizado. Para elucidar o caso uma biópsia hepática seria indicada após prévia estabilização do paciente.

Dos casos diagnosticados de pancreatite, 4 animais foram diagnosticados com a forma aguda e 4 com a forma crônica. A literatura relata que essa é a doença mais prevalente do pâncreas exócrino. Alguns autores relatam que a apresentação crônica é menos comum, no entanto, pode ser devido à ausência de diagnóstico. A forma aguda da doença pode ser fatal se não tratada de maneira correta. Já a pancreatite crônica pode levar a alterações pancreáticas irreversíveis, como insuficiência pancreática exócrina. A etiologia ou fatores predisponentes são diversos (MARCATO, 2010). Nos animais acompanhados, a hiperlipoproteinemia devido a refeições gordurosas foi o fator relatado em 7 animais.

Em gatos a lipidose hepática foi a doença mais prevalente, conforme consta na literatura. Os animais com lipidose hepática apresentavam como sinal clínico mais frequente anorexia, e alguns icterícia. Segundo Susan Little (2015) anorexia é o sinal clínico mais comum, e frequentemente o único, associado ao início da lipidose hepática.

Tabela 7. Número de casos acompanhados referentes ao sistema urinário, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Cistite Bacteriana	3	-	9%
CIF ¹	-	3	9%
DRC ²	9	5	42%
DTUIF ³	-	8	24%
Glomerulonefrite	1	-	3%
IRA ⁴	2	-	6%
Urolitíase vesical	1	1	6%
Total	16	17	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Nota¹: Cistite Idiopática Felina.

Nota²: Doença Renal Crônica.

Nota³: Doença do Trato Urinário Inferior dos Felinos.

Nota⁴: Injúria Renal Aguda.

Com relação aos casos referentes ao sistema urinário (Tabela 7), a doença renal crônica (DRC) foi a mais presente tanto em cães quanto em gatos. Estes animais apresentavam-se azotêmicos, desidratados, e com anemia. Em gatos machos a doença do trato urinário inferior foi a mais frequente causando obstruções parciais ou totais; a maioria destes casos eram emergenciais. Segundo Kojika et al. (2015), a DRC é considerada uma das doenças renais mais comuns entre cães e gatos.

A DRC em cães e gatos pode ser estadiada de acordo com diretrizes propostas pela *International Renal Interest Society* (IRIS). Para tal procedimento é necessário primeiramente estabilização do paciente. A avaliação da creatinina sérica deve ser realizada pelo menos 2 a 3 mensurações com intervalos de semanas. As concentrações séricas de creatinina devem sempre ser analisadas em conjunto com a densidade urinária e alterações de exame físico e de exames de imagem, especialmente o tamanho renal. Existem também os subestágios da classificação da DRC onde são levados em conta a proteinúria renal e à hipertensão arterial sistêmica (NELSON; COUTO, 2015).

A doença do trato urinário inferior de felinos pode ter como causas a cistite idiopática felina (CIF), urolitíase, tampões uretrais, anomalia anatômica, neoplasia, infecção e problemas comportamentais. A causa mais comum é a CIF (55-65%) dos casos. A urolitíase foi a mais prevalente nos animais acompanhados durante o estágio. Os sinais clínicos mais comuns da DTUIF, independentemente da etiologia subjacente, são polaciúria, estrangúria, disúria, hematúria, periúria, vocalização durante tentativas de urinar e lambadura excessiva do pênis. No entanto, não é possível determinar a causa da DTUIF com base apenas nos sinais clínicos. A urocultura deve ser realizada em todos os animais com DTUIF, exames de imagem como

radiografia e ultrassonografia abdominal também auxiliam na avaliação do paciente. Os urólitos mais comuns nos felinos são o de estruvita e o oxalato de cálcio (LITTLE, 2015).

Tabela 8. Número de casos acompanhados referentes ao sistema reprodutor, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Hiperplasia Endometrial Cística	4	-	67%
Hiperplasia Benigna Prostática	2	-	33%
Total	6	0	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

A hiperplasia endometrial cística é muito comum em cadelas inteiras, é uma afecção hormônio-dependente e ocorre em virtude dos ciclos repetidos de estimulação da progesterona, induzindo a proliferação glandular e secreção do endométrio. A falha de eliminação de bactérias após o estro resulta em piometra. Em todos os casos acompanhados a HEC ocorreu em decorrência da piometra. A piometra de colo uterino fechado é mais grave devido a possibilidade de vazamento de líquido purulento através das tubas uterinas ou ruptura uterina e peritonite séptica resultante. Quando a piometra é de colo aberto, no exame físico está presente corrimento vaginal mucopurulento. O clínico nunca pode deixar de descartar esta afecção em fêmeas com letargia, abdominalgia e que sejam inteiras. A ultrassonografia é um método de diagnóstico muito utilizado (NELSON; COUTO, 2015).

A hiperplasia benigna prostática foi diagnosticada em 2 cães, conforme mostra a tabela 8, e os sinais clínicos observados foram hematúria e tenesmo.

Tabela 9. Número de casos acompanhados referentes a distúrbios neuromusculares, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidades	Nº de casos	Felinos	Total
Convulsão a esclarecer	4	-	80%
Miastenia <i>Gravis</i>	1	-	20%
Total	5	0	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

O distúrbio neurológico mais comum encontrado foi a convulsão, concordando com dados da literatura. O diagnóstico consiste em diagnosticar a causa base, avaliar o prognóstico para verificar a possibilidade de recorrência e estabelecer se há necessidade do uso de medicações antiepilépticas. O início agudo de convulsões graves e frequentes podem estar associadas a processos infecciosos, tóxicos, nutricional, metabólico ou neoplásico. Distúrbios convulsivos intermitentes sem outras alterações neurológicas geralmente estão associadas a epilepsia idiopática. Os detalhes sobre os sinais clínicos relatados pelo tutor fazem toda a diferença para a suspeita das possíveis causas (JERICÓ et al., 2015).

A miastenia *gravis* (Tabela 9) foi diagnosticada em um canino SRD que apresentava fraqueza muscular generalizada e respondeu ao tratamento convencional. Este animal também foi incluído na tabela 5 pois apresentava megaesôfago.

Tabela 10. Número de casos acompanhados oncológicos, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Linfoma	1	2	50%
Neoplasia hepática	1	-	17%
Neoplasia retrobulbar a esclarecer	1	-	17%
Neoplasia esplênica	1	-	17%
Total	4	2	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Dos animais atendidos apresentados na Tabela 10, o paciente canino estava com linfoma em remissão e 2 felinos estavam com suspeita de linfoma. Um destes apresentava efusão pleural e devido o resultado da citologia a suspeita de linfoma era mais evidente, no entanto o animal não retornou ao hospital para devido acompanhamento. O outro felino com suspeita de linfoma realizou exame de citologia seguido de biópsia do linfonodo poplíteo esquerdo, tendo diagnóstico de hiperplasia linfoide.

O linfoma é uma neoplasia de tecido linfoide que se origina em órgãos linfohematopoiéticos como linfonodo, baço, fígado e agregados linfoides associados às mucosas. O linfoma multicêntrico é o mais comum entre os caninos. Já entre os felinos a forma alimentar é a mais prevalente. Existem ainda as formas mediastínicas, cutâneas e extranodais (RIBEIRO et al., 2015).

A paciente com neoplasia retrobulbar veio ao hospital devido a convulsões, e posteriormente foi encaminhado para o departamento de neurologia para melhor acompanhamento. Outros dois animais foram diagnosticados com neoplasias hepática e esplênica.

Tabela 11. Número de casos acompanhados referentes a doenças infecciosas, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Cinomose	2	-	10%
Erlichiose	11	-	55%
Micoplasmose	-	2	10%
Parvovirose	3	-	15%
PIF ¹	-	2	10%
Total	20	4	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Nota: Peritonite infecciosa felina.

O hospital veterinário da UNESP de Botucatu conta com um setor específico de moléstias infecciosas, no entanto estes animais apresentados na Tabela 11 foram diagnosticados alguns na clínica médica de pequenos animais, e outros estavam apenas em retorno devido a outras doenças concomitantes. Já os gatos com PIF tiveram diagnóstico na clínica média de pequenos e evoluíram para óbito.

Tabela 12. Número de casos acompanhados referentes a doenças do sistema tegumentar, no Hospital Veterinário da UNESP Campus de Botucatu, no período de 03/01/2019 a 28/02/2019, Botucatu/SP.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Acidente ofídico	2	-	7%
Atopia	1	-	4%
DAPP ¹	1	1	7%
Dermatite de contato	1	-	4%
Dermatobiose	1	-	4%
Dermatofitose	3	-	11%
Malesseziose	2	-	7%
Onicogribose	1	-	4%
Otite	6	3	32%
Otohematoma	2	-	7%
Piodermite superficial	2	-	7%
Pododermatite bacteriana	1	-	4%
Seborreia seca	1	-	4%
Total	28	4	100%

Elaborada pelo autor (2019).

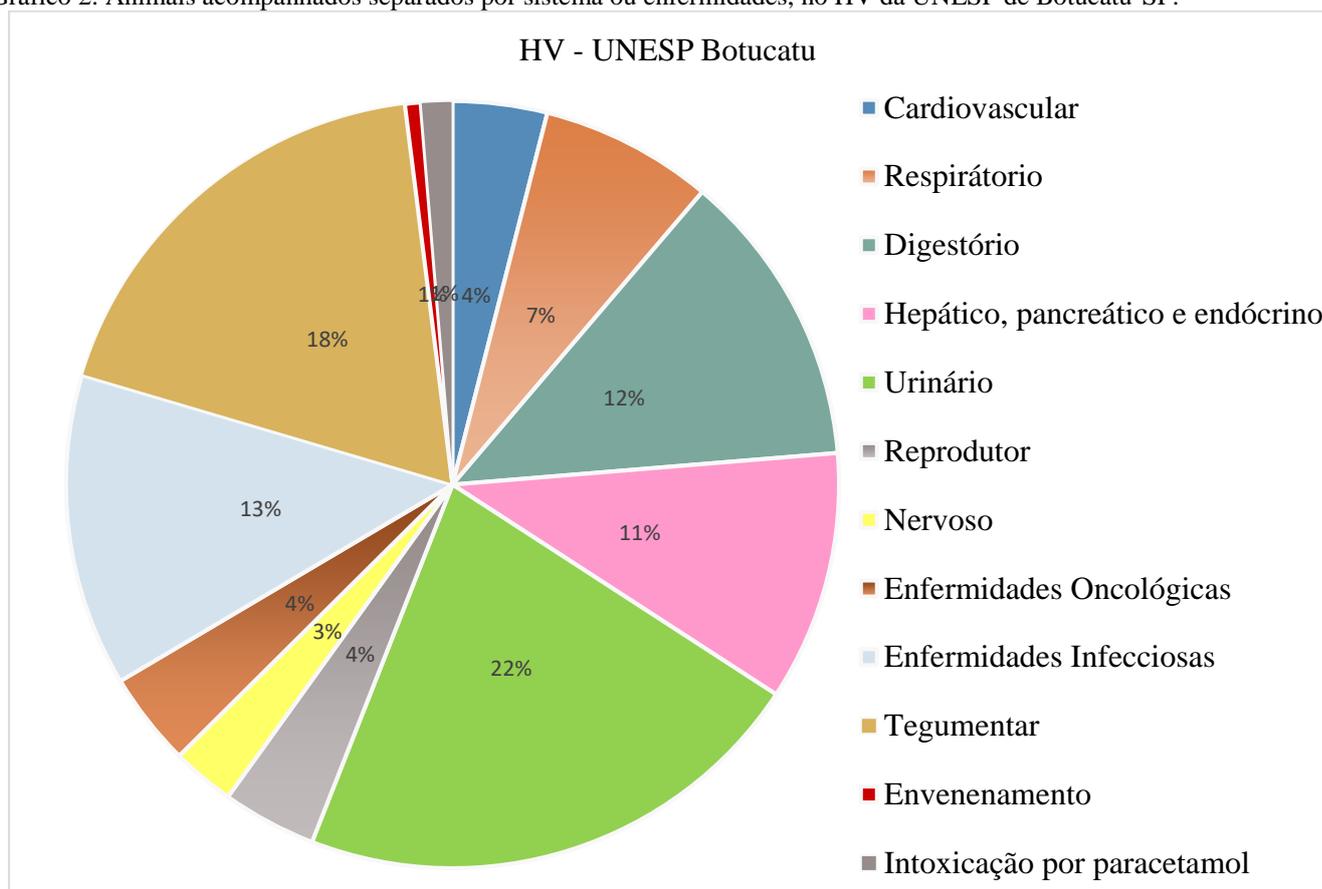
Nota¹: Dermatite alérgica a picada de pulga.

Nos animais acompanhados referentes ao sistema tegumentar (Tabela 12) a otite foi responsável por 32% dos atendimentos desse sistema, sendo mais comum em cães (6 de 9) nos quais destes 1 apresentava otite média. O diagnóstico dos acidentes ofídicos foi presuntivo, um paciente sobreviveu e outro foi a óbito. Já a incidência de 4% no caso de dermatobiose não reflete a realidade dos animais atendidos devido a serem encaminhados ao departamento de cirurgia de pequenos animais. Os 2 animais com otohematoma foram caninos, 1 devido a briga e outro em decorrência da otite.

A otite externa é mais comum em cães que em gatos. Alguns estudos mostram que existe semelhante frequência de isolamento de *Malassezia pachydermatis* entre cães e gatos, por se tratar do agente mais prevalente desta afecção. É comum observar cerúmen escuro e odor rançoso (DUTRA; PEREIRA, 2015). Outros agentes podem estar presentes caracterizando a otite mista, frequentemente associado a bactérias *Staphylococcus* sp., *Pseudomonas* sp (bastonetes) ou *Corynebacterium* sp. (bastonetes). Para chegar a um diagnóstico é necessário avaliação da secreção proveniente do conduto auditivo por meio de citologia, cultura e antibiograma (RONDELLI; COSTA, 2015).

Conforme as tabelas apresentadas observam-se maior prevalência de afecções relacionadas ao trato urinário, prevalecendo dentre desse sistema a doença renal crônica. De 184 animais atendidos, 32 foram retorno. Dos 152 casos diferentes, aproximadamente 22% apresentavam alguma doença relacionada ao sistema urinário. O sistema tegumentar foi o segundo mais acometido (18%), conforme mostra o gráfico 2.

Gráfico 2. Animais acompanhados separados por sistema ou enfermidades, no HV da UNESP de Botucatu-SP.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Dos 152 casos diferentes acompanhados no estágio no HV da UNESP de Botucatu, foi realizado eutanásia em duas caninas, uma era doente renal crônica e a outra em decorrência da piometra que levou a septicemia. A eutanásia nesse hospital era realizada com tiopental e cloreto de potássio, ambos via intravenosa.

3. HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS

A segunda etapa do estágio supervisionado foi realizada no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Santa Maria, na área de Cirurgia de Pequenos Animais, localizado Av. Roraima nº1000, prédio 97, Camobi, Santa Maria – RS (Figura 2). O horário de funcionamento é das 7:30h às 12h e das 12:30 as 17h para atendimento clínico, de segunda a sexta-feira. O bloco cirúrgico inicia suas atividades às 8 horas. O hospital possui uma unidade de internação de pequenos animais (UIPA) e também unidade de terapia intensiva, além de plantão 24 horas por dia.

Figura 2. Fachada do HVU da UFSM, Santa Maria - RS.



Fonte: Google maps (2019).

O HVU presta serviços à comunidade há mais de 44 anos. Dispõem de diversos serviços, como: atendimento clínico, diagnóstico por imagem, laboratório de análises clínicas, área de patologia veterinária, procedimentos cirúrgicos entre outros. Existem divisões dentro da cirurgia veterinária como neurologia e cirurgias experimentais, as quais não serão inseridas neste relatório por não terem sido acompanhadas. Além, de ortopedia e oftalmologia as quais foram áreas acompanhadas. O objetivo deste hospital escola é prestar serviços de qualidade a comunidade aliado ao ensino de seus alunos. O corpo clínico deste hospital é formado por diversos professores experientes, por enfermeiros que auxiliam em diversos setores, por funcionários e residentes. Cada residente atende 3 casos novos por dia. No período de estágio 5 residentes faziam parte do corpo clínico na área de cirurgia de pequenos animais.

Ao entrar no HVU os tutores são recepcionados conforme a ordem de chegada através de senhas. Nesse primeiro momento é feito o registro do paciente junto dos dados do tutor. Cada paciente cadastrado é identificado através do Registro Geral (RG) composto por cinco ou

seis números, assim uma vez que o paciente recebe tal identificação é possível acessar pelo sistema de software e verificar o histórico do animal. Após passar pela triagem o paciente é encaminhado para o residente da cirurgia. Faz parte dos atendimentos relacionados a clínica cirúrgica, animais traumatizados, animais com fratura, com nódulos, animais com feridas laceradas, entre outros, ou seja, todo animal que na maioria das vezes precisa passar por algum procedimento cirúrgico.

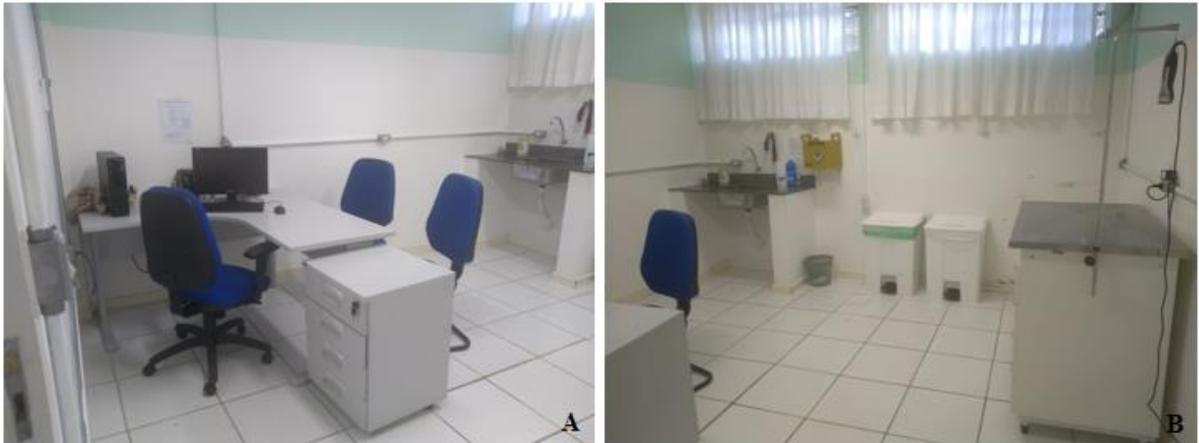
O HVU da UFSM é composto por 1 sala de espera grande com recepção, 1 sala para realizar triagem dos animais, 2 ambulatórios didáticos semelhantes a Figura 3, 1 sala de triagem anestésica, 1 sala de emergência e 5 ambulatórios os quais são de uso comum entre as áreas de clínica médica de pequenos animais e cirurgia de pequenos animais, semelhantes a Figura 4 (A e B). Os animais que são encaminhados para a cirurgia passam pela sala de preparo. O hospital tem também gatil, canil e uma sala de cuidados intensivos. Existe ainda a unidade de terapia de internamento de pequenos animais que conta com enfermeiros, os quais auxiliam nas internações e também nos ambulatórios.

Figura 3. Ambulatório didático, HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 4. A e B: Ambulatório da área de pequenos animais, HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

O bloco cirúrgico mais acompanhado foi o de número 2 (Figura 6). O qual dispõem de 2 vestiários, 1 área de transição da área suja para limpa (Figura 5), 3 salas cirúrgicas, 1 sala de recuperação anestésica, 1 cozinha, e um espaço onde tem 2 computadores e uma impressora (Figura 10). Além desse bloco existem outros blocos, dentre estes o bloco cirúrgico 5, o qual é destinado as cirurgias de maior complexidade geralmente acompanhadas pelos médicos veterinários pós-graduandos.

Figura 5. Área de transição da área suja para limpa, HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo Pessoal (2019).

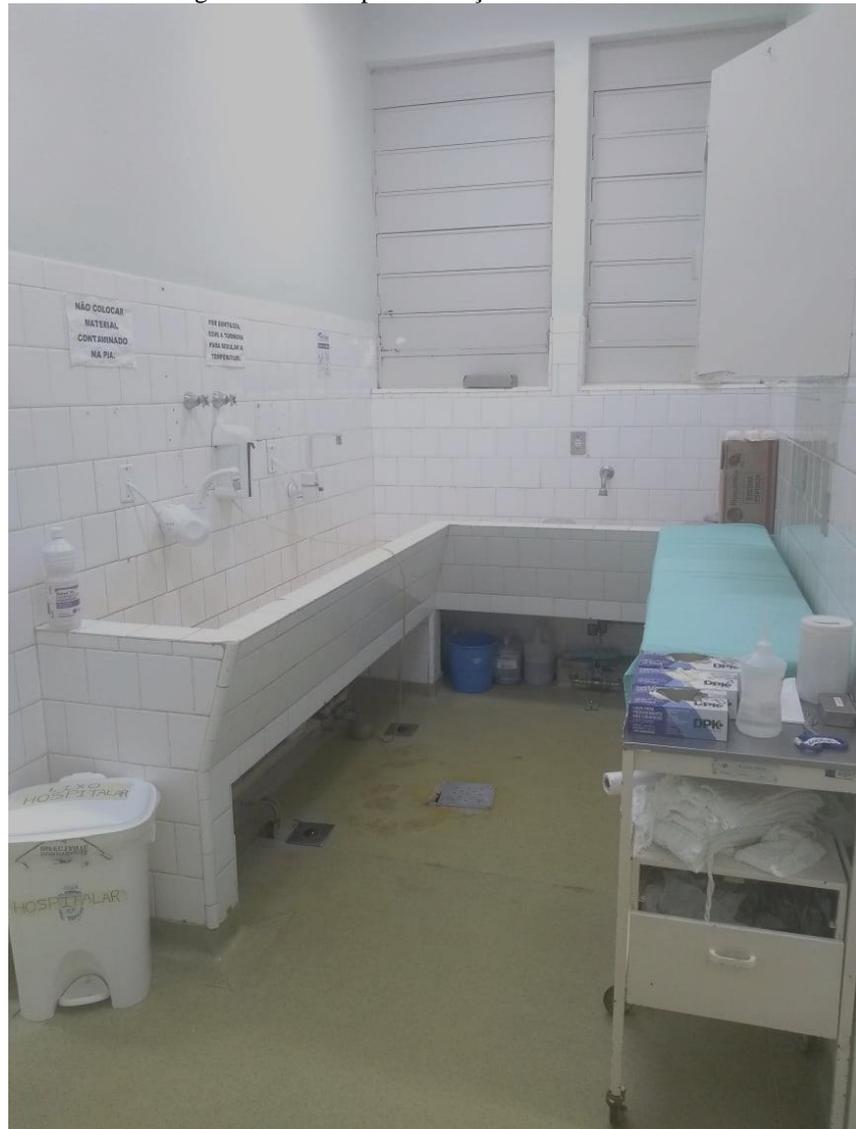
Figura 6. Bloco cirúrgico 2 - HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Na figura 6, é possível observar o corredor que dá acesso à área de paramentação (Figura 7), e as salas cirúrgicas à esquerda da foto. As salas cirúrgicas são parecidas entre si, diferindo em alguns equipamentos e materiais (Figura 8). A linha amarela delimita a área suja para a área limpa. A partir dessa linha é calçado o sapato de borracha disponibilizado pelo bloco. À direita existe a sala de recuperação anestésica (Figura 9); e a sala onde são guardados os itens de farmácia, como soluções cristaloides, medicamentos, materiais para curativos, além de kits de curativos estéreis, compressas, pano de campo, entre outros. Os materiais cirúrgicos especiais ficam na prateleira de madeira que também pode ser vista nessa figura 4, sobre o móvel tem bandejas envoltas por material de SMMS da cor verde.

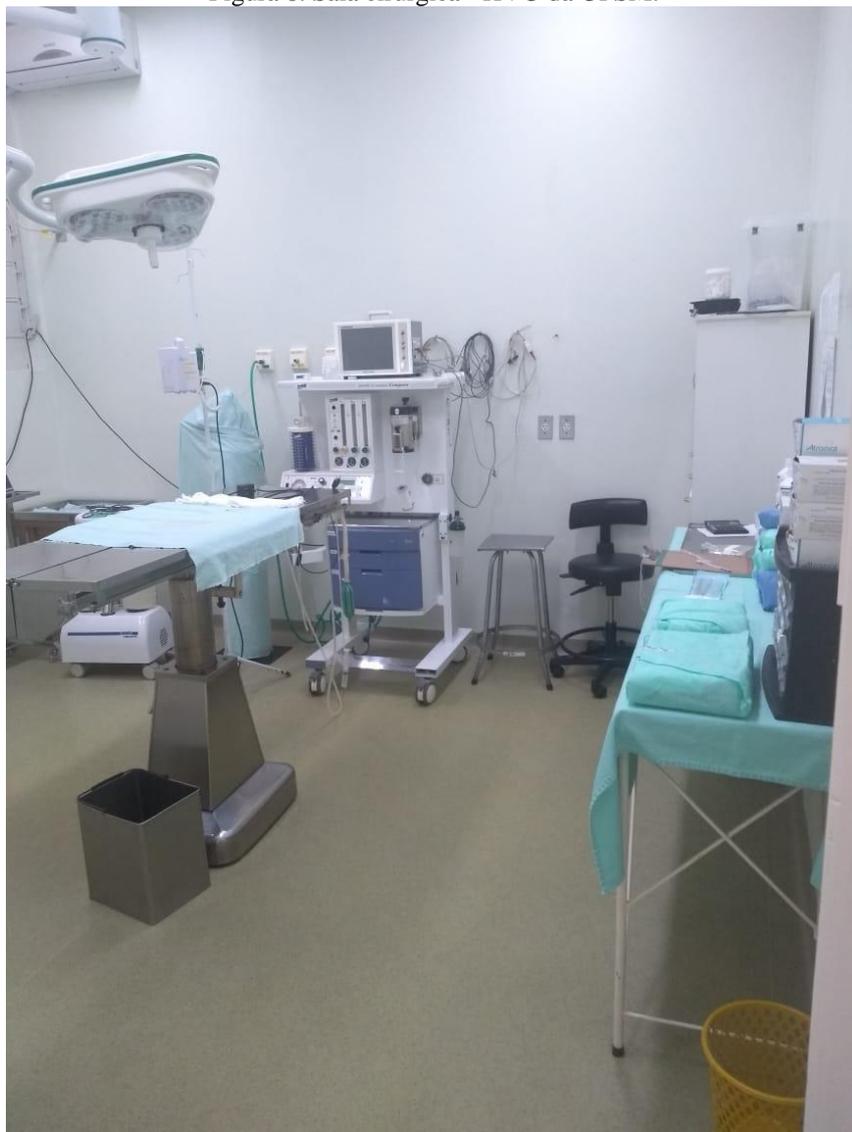
Figura 7. Sala de paramentação - HVU da UFSM



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

A área de paramentação é equipada com bancada revestida por piso, possui torneiras com acionamento por pedal e solução iodada que também é acionada por um pedal. Além disso, dispõe de escovas com clorexidine a 2% estéreis. No armário acima da bancada com panos verdes é onde ficam as luvas estéreis, aventais cirúrgicos estéreis e compressas. No móvel com gaveta do canto da ilustração, ficam itens de uso geral como álcool 70%, luvas de procedimentos entre outros.

Figura 8. Sala cirúrgica - HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Cada sala cirúrgica é equipada para os mais diversos tipos de procedimentos, sendo composta por mesa cirúrgica, foco cirúrgico, mesa de instrumentais, bomba de infusão contínua, aparelho de anestesia inalatória, armários para medicamentos e monitor multiparamétrico. Na bancada é possível encontrar todos os materiais necessários para realização de antissepsia do paciente. Nessa bancada também se encontram material cirúrgico básico, compressas estéreis, pacotes de gaze estéril, instrumentais cirúrgicos básicos, lâminas de bisturi, fios cirúrgicos entre outros. Afim de diminuir ao máximo a carga microbiana o pano da bancada é trocado frequentemente.

A sala de recuperação anestésica (Figura 9) é um ambiente climatizado com aquecedor, colchão térmico, secador de cabelo, saída de oxigênio e estufas.

Figura 9. Sala de recuperação anestésica - HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Figura 10. Área com computadores e impressora – HVU da UFSM.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

3.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Os estagiários da área de cirurgia de pequenos animais faziam rodízio entre acompanhamento de consultas cirúrgicas e procedimentos cirúrgicos. Os estagiários foram divididos em 2 grupos para realização do rodízio. Sendo assim, quando o grupo estava fora do bloco, a responsabilidade dos estagiários consistia em acompanhar as consultas, auxiliar no exame físico, na contenção de animais, realizar as coletas de sangue e levar ao laboratório, acompanhar exames na área de diagnóstico por imagem e auxiliar no que fosse possível. O estagiário também é responsável por conferir os exames de sangue, e assinaturas dos tutores de autorização para cirurgia, bem como o da autorização de anestesia junto do documento de triagem anestésica, além de certificar-se com o tutor sobre jejum hídrico e alimentar. Posteriormente, o animal é preparado para cirurgia na sala de preparo (Figura 9). Nessa sala é feita a aplicação da medicação pré-anestésica e após aproximadamente 10-15 minutos realizava-se acesso venoso e tricotomia ampla da região a ser operada.

Figura 11. Sala de preparo do bloco cirúrgico 2 - HVU da USFM.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Na sala de preparo tem disponível duas mesas de alumínio, uma bancada de alvenaria com pia e torneira, 2 máquinas de tricotomia, e um armário com compressas, gaze, algodão, álcool, clorexidine, água oxigenada, ente outros. Esta sala também era utilizada para procedimentos de animais internados.

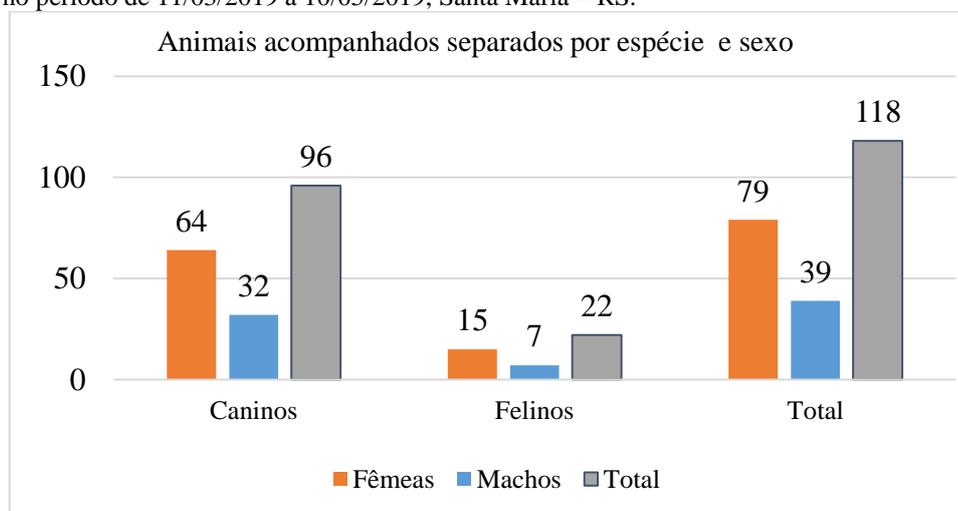
Ao entrar no bloco cirúrgico qualquer pessoa passa primeiramente no vestiário, coloca o pijama cirúrgico, seguido de touca cirúrgica e máscara. Os sapatos de borracha são utilizados após a área de transição como já citados anteriormente. Dentro do bloco cirúrgico é de responsabilidade do estagiário realizar antissepsia do paciente, auxiliar e/ou instrumentar nos

procedimentos cirúrgicos, descartar os materiais corretamente e/ou preparar para encaminhar para análise, entregar os instrumentais para a sala de desinfecção, além de preencher formulários e descrições cirúrgicas. Também compete ao estagiário prescrever os medicamentos e recomendações do pós-operatório juntamente do residente ou médico veterinário responsável.

3.2 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

Os pacientes incluídos na casuística fazem referência ao período de estágio entre 11 de março de 2019 a 10 de maio de 2019 na área de cirurgia de pequenos animais. Alguns animais passaram por mais de uma cirurgia, já outros não passaram por procedimentos cirúrgicos, no entanto também entraram no levantamento de animais atendidos. Foram acompanhados no total 118 animais, 96 caninos e 22 felinos, sendo 79 fêmeas e 39 machos, conforme mostra o gráfico 3. Além dos animais citados anteriormente, foram preparados cerca de 3 animais por dia para intervenções cirúrgicas.

Gráfico 3. Número de pacientes acompanhados separados por espécie e sexo no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Tabela 13. Pacientes acompanhados conforme a faixa etária, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Faixa Etária	Caninos	Percentual	Felinos	Percentual
< 6 meses	4	4%	2	9%
> 6m - 1 ano	5	5%	4	18%
1 - 3 anos	12	13%	2	9%
3 - 8 anos	33	34%	9	41%
8 - 15 anos	36	38%	4	18%
> 15 anos	6	6%	1	5%
TOTAL	96	100%	22	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Em relação a faixa etária dos casos acompanhados no Hospital Veterinário Universitário de Santa Maria, a maior parte dos animais tinham acima de 3 anos conforme mostra a Tabela 13. Sendo que 38 % dos cães tinham acima de 8 anos de idade. Enquanto nos gatos a faixa etária mais prevalente foi entre 3 a 8 anos correspondendo a 41% dos felinos atendidos.

Com relação as raças dos animais acompanhados prevaleceram animais SRD, sendo aproximadamente 52 % entre cães, e 90% entre os gatos. Outras raças estão descritas na tabela 14.

Tabela 14. Número de pacientes acompanhados separados por raça, Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Raças	Caninos	Felinos	Percentual
Boiadeiro Australiano	2	-	2%
Boiadeiro Bernês	1	-	1%
Border Collie	1	-	1%
Buldogue Francês	2	-	2%
Cane Corso	1	-	1%
Chow Chow	2	-	2%
Cimarron Uruguaio	1	-	1%
Cocker	2	-	2%
Dálmata	1	-	1%
Dachshund	1	-	1%
Dogo Argentino	1	-	1%
Fox Paulistinha	1	-	1%
Fila Brasileiro	2	-	2%
Golden Retriever	1	-	1%
Labrador	1	-	1%
Lhasa Apso	1	-	1%
Maltês	3	-	3%
Pastor Alemão	2	-	2%
Pinscher	4	-	3%
Pitbull	1	-	1%
Poodle	4	-	3%
Rotweiller	2	-	2%
Russian Blue	-	1	1%
São Bernardo	1	-	1%
Sem Raça Definida	50	20	59%
Shih Tzu	2	-	2%
Siamês	-	1	1%
Spaniel Bretão	1	-	1%
Spitz Alemão	1	-	1%
Yorkshire	4	-	3%
Total	96	22	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Tabela 15. Número de casos acompanhados referentes ao sistema respiratório no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Enfermidade	Caninos	Felinos	Percentual
Contusão pulmonar	1	-	50%
Efusão pleural	1	-	50%
Total	2	0	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

O único procedimento cirúrgico relacionado ao sistema respiratório foi a toracotomia exploratória realizada num canino de aproximadamente 3 meses de idade. O paciente em questão sofreu atropelamento. Durante a intervenção cirúrgica, observou-se contusão pulmonar conforme exposto na Tabela 15, e além disso hemorragia. Devido a isso realizou-se lobectomia dos lobos médio e cranial direito. Infelizmente o paciente veio a óbito no pós-operatório.

O animal com efusão pleural apresentava-se taquipneico, passou por drenagem na qual foi observado líquido sanguinolento, este mesmo animal também apresentava displasia coxofemoral. Após a drenagem repetiu-se a radiografia torácica que sugeriu neoplasia pulmonar. Devido a limitações financeiras do tutor, optou-se por tratamento de suporte.

Tabela 16. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema digestório, Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimento	Caninos	Felinos	Percentual
Correção de prolapso retal	-	2	18%
Esofagostomia	2	-	18%
Enterotomia	3	-	27%
Excisão da glândula salivar	1	-	9%
Laparotomia exploratória	2	-	18%
Maxilectomia	1	-	9%
Total	9	2	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Com relação ao sistema digestório foram 11 procedimentos cirúrgicos (Tabela 16) e um caso de sialodenite numa Bulldog, que apresentava aumento de volume submandibular, o diagnóstico sugestivo foi realizado por citologia aspirativa por agulha fina (CAAF), no entanto o animal não retornou ao HVU para acompanhamento e tratamento.

As esofagostomias foram realizadas pois estes pacientes estavam anoréxicos e não aceitavam alimentação via oral. As enterotomias foram em decorrência de intussuscepção, fecaloma e corpo estranhos. O corpo estranho foi retirado de 1 Fila Brasileiro de 2 anos que tinha como queixa principal hiporexia e oligodipsia. O diagnóstico foi através da radiografia simples, o qual detectou material radiopaco em intestino. A laparotomia exploratória foi devido a intussuscepção e neoplasia na cavidade abdominal.

Dos animais diagnosticados com prolapso retal, uma felina jovem era proveniente de colônia populacional e outra de 8 anos que além do prolapso retal apresentava hematúria.

Com relação as cirurgias da cavidade abdominal foram duas herniorrafias inguinais, uma herniorrafia umbilical, uma herniorrafia perineal. Além das herniorrafias, teve uma correção de evisceração pós ovário-histerectomia (OSH) em uma felina. Destes animais uma foi acompanhada desde a primeira consulta, e a suspeita de hérnia abdominal foi devido a consistência macia de uma massa abdominal ventral, e o diagnóstico foi confirmado através do exame ultrassonográfico. Com relação aos outros 3 animais foi acompanhado apenas a cirurgia, e ambos tinham histórico de hérnia recidivante, sendo que um destes apresentava hérnia inguinal e perineal concomitantemente, além da presença de fios não cirúrgicos do procedimento anterior.

Já com relação ao sistema odontológico acompanhou-se duas exodontias, uma em 1 felino em decorrência de gengivite estomatite crônica e a outra exodontia envolvendo o mesmo paciente que passou pela maxilectomia devido a uma neoplasia.

Tabela 17. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema hepático, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimento	Caninos	Felinos	Percentual
Biópsia Hepática	1	-	50%
Esplenectomia	1	-	50%
Total	2	0	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Conforme mostra a Tabela 17, apenas 2 casos acompanhados foram referentes ao sistema hepático. Sendo 1 esplenectomia devido a hemangiossarcoma; e uma biópsia hepática num animal no qual foi realizado laparotomia exploratória concomitantemente devido a uma massa entre o estômago, duodeno e jejuno.

Tabela 18. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema urinário, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimento	Caninos	Felinos	Percentual
Cistotomia	2	-	50%
Nefrectomia	-	1	25%
Uretrostomia	1	-	25%
Total	3	1	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Com relação aos casos referentes ao sistema urinário (Tabela 18), teve 2 animais que passaram por cistotomia devido a litíases vesicais. Já a nefrectomia foi devido a hidroureter em uma felina de 5 meses, que tinha como queixa principal diarreia e êmese há 5 dias, além disso, tinha histórico de castração há 15 dias. A uretostomia foi realizada num canino que tinha litíases vesicais recorrentes.

Tabela 19. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema reprodutor, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimento	Nº de casos	Felinos	Percentual
Orquiectomia terapêutica	2	-	5%
Ovariohisterectomia terapêutica	18	4	51%
Mastectomia	17	1	42%
Prostatectomia	1	-	2%
Total	38	5	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Os casos acompanhados referentes ao sistema reprodutor (Tabela 19), mostram que as ovário-histerectomias foi a intervenção cirúrgica mais prevalente. Das OSH terapêuticas 4 foram devido a gestação, 2 pacientes felinas e 2 caninas, sendo 2 com fetos vivos e 2 com fetos mortos.

As ovário-histerectomias terapêuticas aconteceram devido a hiperplasia endometrial cística. Destas foram diagnosticadas pelo menos duas caninas com hidrometra, e as demais com piometra. A maioria dessas pacientes apresentavam neoplasia mamária concomitantemente, devido a isso sempre que possível optava-se pela mastectomia junto da OSH.

Segundo Fossum (2014), a indicação primária para uma cirurgia do trato reprodutivo é limitar a reprodução, e além disso para prevenir ou tratar tumores influenciados pelos hormônios reprodutivos, aliviar a distocia, controlar certas doenças do trato reprodutivo (como por exemplo piometra, prostatites, tumor e abscessos prostáticos) e na estabilização de doenças sistêmicas como diabetes e epilepsia.

Nos machos os sinais clínicos da doença prostática podem ser inespecíficos (mal-estar, êmese, febre, desidratação, abdominalgia caudal e/ou anormalidades na locomoção). A hematúria, estrangúria e tenesmo podem estar presentes, assim como a incontinência urinária que por sua vez é causada pela compressão dos nervos pélvicos (FOSSUM, 2014). Devido a isso é importante atentar-se a história clínica, e realizar um exame físico minucioso para direcionar o pedido de exames complementares e chegar ao diagnóstico.

A mastectomia unilateral era sempre a de eleição em relação à simples ou a regional, entretanto pelo menos em 4 situações isso não foi possível devido aos nódulos estarem ulcerados, muito grandes e as pacientes estarem em ruim estado geral.

Entre as doenças oncológicas a neoplasia mamária é a mais frequente em fêmeas caninas. Nos casos acompanhados 28 pacientes tinham neoplasia mamárias destas 10 não realizaram cirurgia, 2 porque foram diagnosticadas com carcinoma inflamatório sendo uma felina, e uma canina. Outras 2 felinas e 2 caninas estavam esperando pela mastectomia.

Em situações de neoplasias mamárias deve-se sempre realizar a radiografia torácica devido os pulmões serem alvos mais comuns de metástase à distância em cães com neoplasias mamárias malignas. A excisão cirúrgica ainda é o método mais eficaz de tratamento, exceto para carcinomas inflamatórios. Nódulos que variam de 1 a 3 cm, a mastectomia simples ou regional pode ser indicada. Nódulos maiores que 3 cm a mastectomia regional ou radical é a mais indicada, dependendo das características e localização do tumor. O exame histopatológico do nódulo retirado e dos linfonodos sentinelas ajuda nas decisões futuras (CASTRO, 2018). A mastectomia unilateral e realização da OSH deve ser preconizada nos pacientes que tem viabilidade para tal procedimento. A mastectomia bilateral no mesmo procedimento não é recomendada (FOSSUM, 2014).

A vulvoplastia foi realizada numa paciente com leiomiossarcoma e que apresentava também pólipos vaginais. Essa foi a única intervenção cirúrgica acompanhada no bloco cirúrgico 5.

Tabela 20. Número de procedimentos acompanhados referentes ao sistema tegumentar, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimentos	Nº de casos	Felinos	Percentual
Criocirurgia	-	1	5%
Correção de ferida em MP	2	-	9%
Correção de sinus	1	-	5%
Nodulectomia cutânea	13	5	82%
Total	16	6	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Em relação ao sistema tegumentar Tabela 20, a criocirurgia foi realizada devido a carcinoma de células escamosas. A correção de ferida foi devido à falta de cuidados no pós-operatório em 2 caninos agressivos. E a correção de sinus foi realizada em uma paciente que também passou por exérese de nódulo de média complexidade. As nodulectomias cutâneas foram mais prevalentes, destas, 6 foram diagnosticadas com mastocitoma. Já os outros tiveram resultados inconclusivos. Na maioria das situações o Médico Veterinário residente indicava a citologia por agulha fina aspirativa desses nódulos para um melhor planejamento de conduta. No entanto, nem sempre o tutor estava disposto a fazer.

A citologia tem diversas vantagens por ser uma técnica minimamente invasiva. Permite um diagnóstico presuntivo mais rapidamente quando comparado a histopatologia e serve para diferenciar um processo hiperplásico de uma neoplasia ou inflamação. No entanto, é necessário a histopatologia para um diagnóstico definitivo.

Os mastocitomas são tumores de pele comuns na espécie canina, alguns autores relatam ser mais frequentes em Boxer, Boston Terrier English Bulldog e Teckel. A região do tronco e

períneo é frequentemente mais acometida. Os mastocitomas subcutâneos são pouco circunscritos, são elevados e de consistência mole semelhante a lipoma. Já os mastocitomas dérmicos tendem a ser circunscritos, elevados e firmes com eritema ou ulceração uma vez que o prurido pode estar presente (PAGNONCELLI, 2011).

Os sinais clínicos, como náuseas, êmese, apatia ou mesmo hematoquezia podem estar presentes em animais com mastocitomas. Essas alterações ocorrem devido a degranulação das células neoplásicas nas quais ocorre liberação maciça de histamina, que aumenta a secreção de ácido gástrico e também causa danos ao endotélio vascular. Após a excisão cirúrgica dessa neoplasia pode acontecer cicatrização retardada devido aos efeitos locais de enzimas proteolíticas e aminas vasoativas liberadas pelos mastócitos, sendo assim é importante que os cirurgiões manipulem o mínimo possível esse tumor e retire com margem de segurança (PALMA et al., 2010).

Tabela 21. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema oftálmico, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimento	Caninos	Felinos	Percentual
Enucleação	1	-	50%
Flap de conjuntiva	1	-	50%
Total	2	0	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

A enucleação foi realizada em um paciente com histórico de acidente com porco espinho. E o flap da conjuntiva foi realizada numa Shih-tzu de 7 anos, devido a úlcera de córnea.

Tabela 22. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados referentes ao sistema musculoesquelético, no Hospital Veterinário Universitário da UFSM, no período de 11/03/2019 a 10/05/2019, Santa Maria – RS.

Procedimento	Caninos	Felinos	Percentual
Amputação de MT	-	1	9%
Amputação de MP	1	-	9%
Colocefalectomia	2	-	18%
Correção de luxação patelar	2	-	18%
Osteossíntese de fêmur	1	-	9%
Osteossíntese de pelve	1	-	9%
Correção RLC ¹	2	1	27%
Total	9	2	100%

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

RLC: Ruptura do ligamento cruzado.

Em relação ao sistema musculoesquelético, foram acompanhados 11 procedimentos cirúrgicos conforme mostra a Tabela 22. Outros 7 pacientes caninos não passaram por intervenção cirúrgica foram diagnosticados: com doença articular degenerativa (2 animais), 3 pacientes com displasia coxofemoral, e 1 cão SRD com necrose asséptica da cabeça do fêmur

que também apresentava neoplasia mamária. 1 cão com fratura pequena de metatarso. 1 Spitz Alemão teve suspeita de doença do disco intervertebral na região cervical e foi encaminhado para o setor de neurologia.

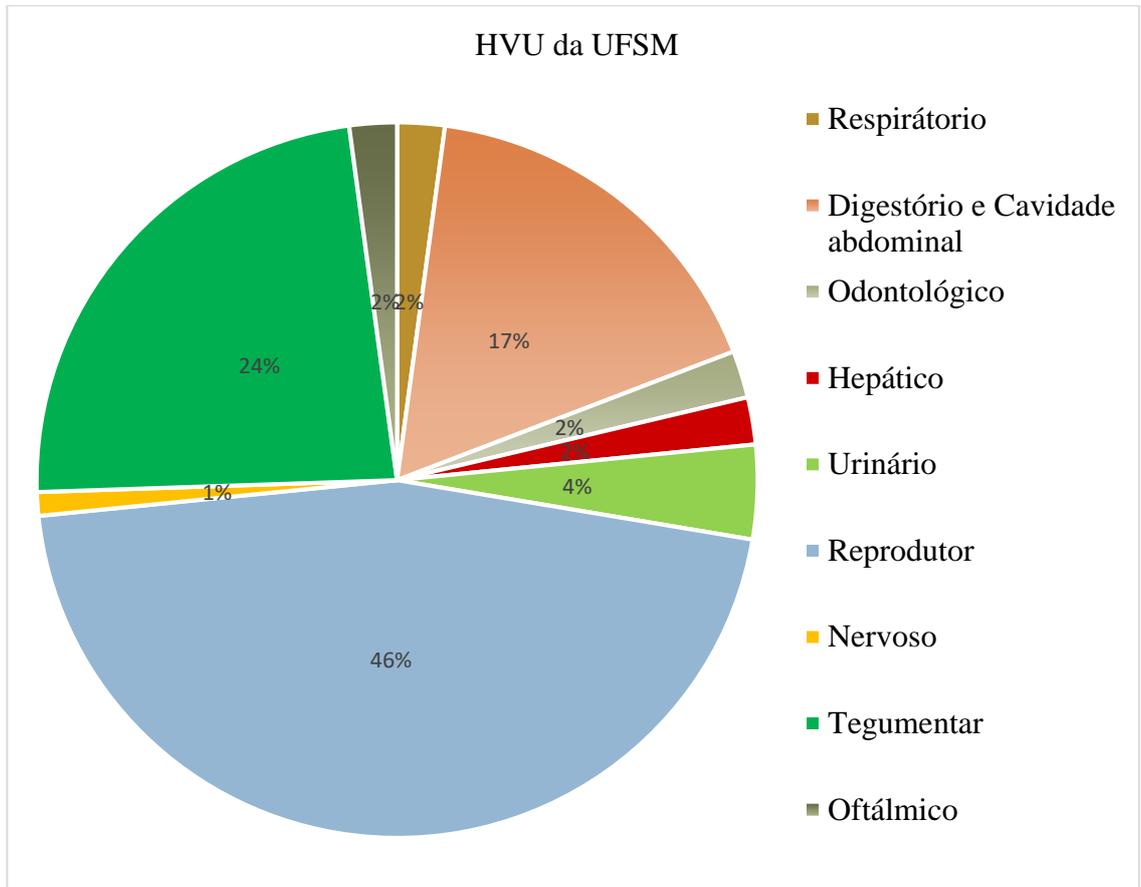
A ruptura do ligamento cruzado é uma artropatia muito comum em cães, principalmente do ligamento cruzado cranial (FOSSUM, 2014). Durante o período de estágio foi acompanhado 3 correções de rupturas do ligamento cruzado. Nos cães a ruptura do ligamento cruzado foi apenas cranial. E na gata foi ruptura do ligamento cruzado cranial e caudal de origem traumática, nesta paciente foi realizada uma técnica intracapsular. Num cão optou-se pela técnica fabelo tibial, e no outro foi realizada uma técnica intracapsular ambos com fio de polipropileno. Ambos animais tinham claudicação, instabilidade articular e teste de gaveta positivos ao exame físico.

A osteossíntese de pelve foi realizada com placa bloqueada, devido a fratura de asa do íleo direito numa paciente que já tinha passado por uma cirurgia anterior devido a fratura de fêmur.

Outros casos relacionados possivelmente oncológicos foram acompanhados: uma paciente com neoplasia hepática veio a óbito e ainda não há resultados da necropsia. Dois animais com neoplasia óssea tiveram como diagnóstico presuntivo osteossarcoma, um canino e um felino ambos com acometimento da articulação escapuloumeral. Uma canina apresentou um aumento de volume na região nasal, foi realizado CAAF, e biópsia, no entanto, ambos tiveram resultados inconclusivos, a paciente estava piorando a cada dia e a eutanásia foi realizada.

Contudo, com relação aos animais acompanhados na área de cirurgia de pequenos animais no HVU de Santa Maria-RS, foram acompanhados 118 animais, sendo que 21 pacientes não passaram por intervenção cirúrgica. Alguns animais realizaram mais de uma intervenção cirúrgica concomitantemente, totalizando 101 procedimentos cirúrgicos. Considerando os dados apresentados anteriormente, o sistema reprodutor representou 42% de todos os animais acompanhados e 22% dos animais atendidos fizeram cirurgias referentes ao sistema tegumentar conforme mostra o gráfico 4.

Gráfico 4. Animais acompanhados separados por sistema ou localização do procedimento cirúrgico, HVU da UFSM.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o curso de graduação em medicina veterinária seja em tempo integral e disponha de aulas teóricas e práticas, é durante o estágio obrigatório que a prática de alguns procedimentos é mais exercida, proporcionando experiência ao futuro profissional. O estágio curricular supervisionado proporcionou experiências únicas na vida acadêmica e pessoal.

A partir deste trabalho foi possível descrever brevemente sobre a estrutura física dos hospitais, sobre as atividades rotineiras realizadas, assim como realizar um levantamento da casuística dos pacientes acompanhados. A realização do estágio em dois locais distintos com condutas diferentes agregou muito conhecimento, graças aos profissionais excelentes que tive a oportunidade de conhecer.

Ao comparar a casuística dos animais acompanhados na clínica médica de pequenos animais do HV da UNESP de Botucatu-SP, e na cirurgia de pequenos animais do HVU de Santa Maria-RS conclui-se que o sistema tegumentar foi o segundo mais acometido em ambos locais. Com relação aos outros sistemas, estes diferem entre si devido a determinadas doenças serem resolvidas apenas com intervenção cirúrgica e outras clinicamente. Entretanto, uma área complementa a outra.

A vivência prática é a melhor parte do curso, principalmente quando se sabe a área que pretende seguir, entretanto não se trata de uma tarefa fácil, devido as diversas limitações que muitas vezes os tutores enfrentam. A limitação financeira é a principal e acaba inviabilizando muitas vezes a realização de exames complementares, ou o melhor tratamento.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Aline G. **LINFONODO SENTINELA AXILAR E SUA CORRELAÇÃO COM FATORES PROGNÓSTICOS EM CÃES COM NEOPLASIAS MAMÁRIAS**. Dissertação (mestrado na área de concentração: Clínica e Cirurgias Veterinárias), Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. Belo Horizonte. 2018. 57 p.
- CRIVELLENTI, Leandro Z.; CRIVELELLENTI Sofia B. **Casos de Rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais**. 2 ed. Editora MedVet. 2015. 840 p.
- DUTRA, Lilia Mara M.; PEREIRA, César Augusto D. **Malasseziose em Cães e Gatos**. In: JERICÓ, Márcia Marques; ANDRADE NETO, João Pedro; KOGIKA, Márcia Mery. Tratado de medicina interna de cães e gatos. [S.l: s.n.], 2015. 2367 p.
- RONDELLI, Mariana Cristina Hoepfner.; COSTA, Mirela Tinucci. **Dermatologia**. In: **Casos de Rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais**. 2 ed. Editora MedVet. 2015. Cap 3. 130-133 p.
- JERICÓ, Márcia Marques.; ANDRADE NETO, João Pedro.; KOGIKA, Márcia Mery. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. [S.l: s.n.], 2015. 7047 p.
- KOGIKA, Márcia M.; WAKI, Mariana F.; MARTORELLI, Cínthia R. **Doença Renal Crônica**. In JERICÓ, Márcia Marques.; ANDRADE NETO, João Pedro.; KOGIKA, Márcia Mery. Tratado de medicina interna de cães e gatos. [S.l: s.n.], 2015. 4194 p.
- LITTLE, Susan E. **O gato: medicina interna**. Tradução Roxane Gomes dos Santos Jacobson, Idília Vanzellotti. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Roca, 2015. 1913 p.
- MARCATO, Juliana de Aguiar. Pancreatite em cães. Trabalho de conclusão de curso (graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS. 2010. 58 p.
- NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina interna de pequenos animais**. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. 4442 p.
- OLIVEIRA, Gláucia Cristina. **Hospital Veterinário - Unidade Auxiliar de Apoio Acadêmico da Unesp**. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - Câmpus de Botucatu. Disponível em: <https://www.fmvz.unesp.br/#!/sobre-o-campus/unidades-auxiliares/>. Acesso em 02 de maio de 2019.
- PALMA Heloísa E.; MARTINS Paul, BASSO PC, Amaral AS, Teixeira LV, Lopes STA. **Mastocitoma cutâneo canino – Revisão**. Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação. 2009. Vol 7(23); 523-528 p.
- PAGNONCELLI, Marciélen. **CITOLOGIA DAS NEOPLASIAS CUTÂNEAS DE CÃES**. Monografia especialização residência médico-veterinária do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Área de Patologia Clínica, da Universidade Federal de Santa Maria-RS. 2011. 64 p.
- Ribeiro, RCS. ALEIXO, G.A.S. ANDRADE L.S.S. **Linfoma canino: revisão de literatura**. Universidade Federal de Campina Grande, Campus Patos-PB, Brasil. v.9, n.1-4, p.10-19, 2015.

Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/medicinaveterinaria/article/view/1330>. Acesso em 1 de junho de 2019.

SANTOS, Jady Franciele. **Principais Métodos de Diagnóstico para Degeneração Valvular Mixomatosa em cães**: Revisão Sistemática. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araçatuba. 2017. 28 p.

VALLARA. M. Lara. **COMPLEXO RESPIRATÓRIO FELINO: PRINCIPAIS AGENTES INFECCIOSOS**. ARS VETERINARIA, Jaboticabal, SP, v.28, n.3, 169-176, 2012. Disponível em: <http://www.arsveterinaria.org.br/index.php/ars/article/view/506/475>. Acesso em 30 de junho de 2019.